

Reunião de doutrinação (esclarecimento) de espíritos foi recomendada na codificação?

Na atualidade, após quase 160 anos do surgimento da Doutrina dos Espíritos, pode alguém questionar sobre a utilidade das evocações de Espíritos em reuniões mediúnicas, denominadas de doutrinação ou de esclarecimento de Espíritos.

Pensam, alguns companheiros, que o esclarecimento ou a moralização dos Espíritos inferiores deve ser uma tarefa específica de Espíritos superiores, realizada no mundo espiritual e não por nós aqui do mundo material. Outros são contra, só pelo fato delas serem mencionadas por André Luiz, na psicografia de Chico Xavier; pede-se, apenas, bom senso, pois o excesso para nenhum dos lados é bom.

Estávamos pesquisando na obra *Curso Básico de Espiritismo, 1º ano*, uma publicação da FEESP – Federação Espírita do Estado de São Paulo, visando encontrar algum material para utilizar numa palestra sobre a vida no mundo espiritual, quando nos deparamos com este interessante parágrafo:

“Em erraticidade, os Espíritos analisam e refletem sobre o seu passado, sempre objetivando o aperfeiçoamento e, ao percorrerem os lugares, observam e **escutam com interesse os conselhos dos encarnados mais esclarecidos**, e dessa forma, as ideias novas surgem em seu íntimo, predispondo-os a aceitação dos desígnios divinos.” (FEESP, 2011, p. 50, grifo nosso).

Despertou-nos atenção o trecho que diz “escutam com interesse os conselhos dos encarnados mais esclarecidos”, razão pela qual fomos ver se nas obras da Codificação havia algo a respeito disso.

Tomemos, por pertinente ao tema, a obra *O Livro dos Médiuns*, cap. XXV – Evocações, para esclarecimento da questão:

278. **Uma questão importante se apresenta aqui, a de saber se há ou não inconveniente em evocar Espíritos maus.** Isto depende do fim que se tenha em vista e da ascendência que se possa exercer sobre eles. **Não há inconveniente, quando são chamados com um fim sério, instrutivo e tendo em vista melhorá-los. Ao contrário, o inconveniente é muito grande quando se faz a evocação por simples curiosidade ou por divertimento**, ou, ainda, quando quem os chama se põe na dependência deles, pedindo-lhes um serviço qualquer. [...]. (KARDEC, 2013b, p. 300, grifo nosso).

E o alerta no início do item subsequente (279) não deve ser nunca desprezado: “Ninguém exerce ascendência sobre os Espíritos inferiores, a não ser pela *superioridade moral*.” (KARDEC, 2013b, p. 300, itálico do original).

Um pouco mais à frente, no tópico “Utilidade das evocações particulares”, do item 281, transcrevemos o seu último parágrafo:

A evocação dos Espíritos vulgares tem, além disso, a vantagem de

nos pôr em contato com Espíritos sofredores, que podemos aliviar e cujo adiantamento podemos facilitar, por meio de bons conselhos. Todos, pois, nos podemos tornar úteis, ao mesmo tempo que nos instruímos. Há egoísmo naquele que somente a sua própria satisfação procura nas manifestações dos Espíritos, e dá prova de orgulho aquele que deixa de estender a mão em socorro dos desgraçados. De que lhe serve obter belas comunicações de Espíritos de escol, se isso não o faz melhor para consigo mesmo, **nem mais caridoso e benévolo para com seus irmãos deste mundo e do outro?** Que seria dos pobres doentes, se os médicos se recusassem a lhes tocar as chagas? (KARDEC, 2013b, p. 304, grifo nosso).

Entenda-se o adjetivo "vulgares" não no sentido pejorativo, mas apenas uma outra designação com a qual também se nomeia os Espíritos inferiores (KARDEC, 2013b, item 267, 4).

Caso não tentemos aliviar e ajudar no adiantamento os Espíritos inferiores, nós os espíritos, estaremos, segundo Kardec, sendo egoístas, por não estarmos sendo caridosos e benévolos para com eles. Entendemos que, utilizando-se de outras palavras, Kardec está, na verdade, recomendando mesmo a evocação desses Espíritos para que, por meio de bons conselhos, possamos contribuir no alívio de seu sofrimento e no seu despertamento moral para buscarem o caminho da evolução espiritual. O que só ocorre em reuniões mediúnicas criadas precipuamente para esse objetivo.

Ademais, há situações que, segundo Kardec, é mesmo necessária a evocação, como nos casos das obsessões. Em *A Gênese*, no capítulo XIV, *Os Fluidos*, quando, tratando desse tema, Kardec disse:

46 – Assim como as moléstias resultam das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral, que dá ascendência a um Espírito mau. A uma causa física, opõe-se uma força física; **a uma causa moral preciso é se contraponha uma força moral.** Para preservar o corpo das enfermidades, é preciso fortificá-lo; para garantir a alma contra a obsessão, tem-se que fortalecê-la. Daí, para o obsidiado, a necessidade de trabalhar pela sua própria melhoria, o que na maioria das vezes é suficiente para livrá-lo do obsessivo, **sem o socorro de terceiros. Este socorro se torna necessário, quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque neste caso o paciente não raro perde a vontade e o livre-arbítrio.**

Quase sempre a obsessão exprime vingança tomada por um Espírito e cuja origem frequentemente se encontra nas relações que o obsidiado manteve com o obsessivo, em precedente existência.

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repele. É daquele fluido que é preciso desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro igualmente mau. Por meio de ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, *há que se expulsar o fluido mau com o auxílio de um fluido melhor.*

Nem sempre, porém, basta esta ação mecânica; cumpre, sobretudo, *atuar sobre o ser inteligente, ao qual é preciso que se tenha o direito de falar com autoridade*, que, entretanto, não possui quem não tenha superioridade moral. Quanto maior esta for, tanto maior também será aquela.

Mas ainda não é tudo: para assegurar a libertação, **é preciso que o Espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus desígnios**; que nele desponte o arrependimento, assim como o desejo do bem, **por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particularmente feitas com vistas à sua educação moral.** Pode-se então ter a grata satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito. (KARDEC, 2013c, p. 259, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

Somente por meio de “evocações particularmente feitas com vistas à sua educação moral” é que um Espírito perverso pode ser convencido a renunciar a sua vingança, contra o obsidiado; portanto, não podemos protestar ignorância dessa missão que, como espíritas, nos cabe.

Voltemos à obra *O Livro dos Médiuns*, agora no cap. XXIII – Obsessão, item 254, onde lemos esclarecimentos importantes:

5. Não se pode também combater a influência dos maus Espíritos, moralizando-os?

“Sim, mas é o que não se faz, e é o que não se deve deixar de fazer, porque, muitas vezes, **isso constitui uma tarefa que vos é dada e que deveis desempenhar caridosamente, religiosamente.** Por meio de sábios conselhos, é possível induzi-los ao arrependimento e apressar o progresso deles.”

(KARDEC, 2013b, p. 274, grifo nosso).

Uma das nossas missões é combater a influência dos Espíritos maus, moralizando-os, obviamente, em reuniões específicas para o trato com eles, já que “isso constitui uma tarefa que vos é dada e que deveis desempenhar caridosamente, religiosamente”; mais claro que isso é impossível.

Kardec insistiu na questão, querendo saber como nós, os encarnados, podemos influenciar positivamente os Espíritos maus se eles, teoricamente, têm os Espíritos superiores ao lado.

5-a. Como pode um homem ter, a esse respeito, mais influência do que a têm os próprios Espíritos?

“**Os Espíritos perversos se aproximam antes dos homens que eles procuram atormentar, do que dos Espíritos, dos quais se afastam o mais possível.** Nessa aproximação dos humanos, quando encontram algum que os moralize, a princípio não o escutam e até se riem dele; depois, se aquele os sabe prender, acabam por se deixarem tocar. Os Espíritos elevados só em nome de Deus lhes podem falar e isto os apavora. O homem, indubitavelmente, não dispõe de mais poder do que os Espíritos superiores, porém, **sua linguagem se identifica melhor com a natureza aqueles outros** e, ao verem o ascendente que o homem pode exercer sobre os Espíritos inferiores, melhor compreendem a solidariedade que existe entre o céu e a terra. Demais, **o ascendente que o homem pode exercer sobre os Espíritos está na razão da sua superioridade moral.** Ele não domina os Espíritos superiores, nem mesmo os que, sem serem superiores, são bons e benevolentes, mas pode dominar os que lhe são inferiores em moralidade.” (KARDEC, 2013b, p. 274, grifo nosso).

Conforme explicado, a razão está em que nós, os encarnados, estamos mais próximos deles do que os Espíritos Superiores; daí ser mais fácil chegarmos a eles do que estes Espíritos.

Concluimos, então, que, conforme o que encontramos nas obras da Codificação, as reuniões mediúnicas de doutrinação ou esclarecimento de Espíritos sofredores (imperfeitos) é uma missão nossa, que deve ser levada a efeito em reuniões específicas, obviamente, sem público externo, mas na intimidade que esses casos requerem e os espíritos manifestantes merecem.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Mai/2015

Referências bibliográficas:

FEESP. *Curso Básico de Espiritismo*, 1º ano. São Paulo: FEESP, 2011 (em PDF)
KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 2013b.
KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2013c.